

A TORRE

SIMONE PINHEIRO

DRAGOESENCAIXOTADOS.COM.BR

Ano 145

Ashlee já ouvira falar sobre ter que sair de sua zona de conforto, algo relacionado a se desafiar e crescer como pessoa. Mas naquele momento ela refletia que talvez não devesse ter se afastado tanto assim, pois acabou descobrindo que haviam coisas com as quais não conseguia se acostumar, mesmo com o tempo. Ela se encontrava escondida atrás de uma mesa, dentro de uma sala escura com sua comandante deitada ao seu lado gravemente ferida e inconsciente, mas ainda viva. A arma da comandante era grande e precisava de duas mãos para ser usada. Fora da sala ela sabia que um exército esperava por elas e matava vários de seus companheiros. Era uma daquelas situações que nos fazem refletir sobre como nos colocamos nelas.

Ano 144

A Torre é composta por imensos arcos metálicos, um acima do outro, com luzes brancas os contornando. Os Arcos são posicionados dentro de um campo magnético, mantendo todos em posição sem que eles se encostem. O primeiro se encontra há três metros do chão, enquanto o último fica no limite da estratosfera. No meio deles passa uma outra torre de ponta a ponta, por onde os transportadores se movem em alta velocidade.

Cada vagão do transportador comporta confortavelmente seis passageiros. Ashlee ia em um com outras duas pessoas, ninguém que ela conhecesse. Quando o transportador parou, todos desceram e seguiram para suas devidas cabines. Ashlee entrou na porta com o letreiro "Time de Desenvolvimento". Sentou em sua estação de trabalho e ligou o computador. Uma das paredes da sala era feita de vidro e dava visão para uma arena grande, onde haviam três robôs de quatro metros cada um. Eles estavam em pé um ao lado do outro desligados.

— O que eu perdi? — Ashlee não trabalhava no plantão do final de semana, então sempre tinha alguma novidade na segunda-feira.

— Tivemos que reverter o último update por causa de um bug, mas o backup estava corrompido, então acabamos voltando duas versões. Carze já conseguiu reprogramar o que havia sido perdido, mas ainda não descobrimos o que aconteceu com o backup — respondeu Lanza, um homem alto e forte, com dreadlocks compridos que sempre usava roupas muito coloridas. — Já repassamos para o setor de segurança, pedindo que dêem uma olhada no problema.

Ashlee começou a verificar as demandas para o dia, haviam apenas alguns ajustes pequenos para fazer em algumas máquinas. Enquanto isso Lanza e Carze conversavam.

— Eu li um artigo ontem que dizia que se você cair do Arco daqui, vai levar mais de três minutos caindo até chegar no chão — Lanza disse enquanto preparava um café.

— Minha mãe esteve no exterior uma vez — disse Carze do outro lado da sala, com uma voz delicada.

— Não é muito perigoso lá? — Ashlee se interessou pela conversa.

Ela já ouvira falar do exterior em algumas aulas de história na escola. Era onde estava a base da Torre, mas se tinha poucas informações sobre — ou pelo menos, poucas informações eram divulgadas. O que ela sabia do exterior é que era só um monte de areia e que algumas pessoas ainda viviam lá, decedentes dos que não entraram na Torre anos atrás, mas as condições de vida deles eram desconhecidas.

Os primeiros Arcos, por serem de um modelo mais antigo, tinham janelas que davam vista para o exterior, característica que foi abandonada nos Arcos posteriores visto que elas não tinham muita utilidade. Alguns dos moradores do primeiro Arco diziam já ter visto habitantes do exterior pelas janelas algumas vezes, mas como isso nunca foi gravado nas câmeras, acabava sempre como boatos.

— Ela foi em uma daquelas expedições para entrar em contato com os moradores de lá, mas a expedição fracassou como as outras, então ela só pisou no exterior por meia hora e voltou.

— Fracassou por quê?

— Não me disse, é informação confidencial.

Armastan chegou em seguida e perguntou se os robôs já estavam prontos para testes, fazendo com que os três voltassem para suas atividades. Ele era o coordenador do setor de automação, e todos os robôs deviam passar por ele antes de serem entregues. Armastan pegou o controle, era um quadro de metal que podia ser apoiado no colo, com um círculo no lado esquerdo onde eram controlados os movimentos e outros botões na direita com comandos como acender luzes ou emitir sons. Era quase como jogar videogame.

— Esses robôs são bem diferentes dos que estamos acostumados a fazer, eles vão ser usados pra reparos e transporte também? — Carze perguntou.

— Acho difícil, são grandes demais pra andarem pelos corredores — observou Ashlee.

— O pedido na verdade veio do exército, acho que vão usar para apoio na segurança.

— Será? Eles são bem diferentes dos usados no primeiro Arco.

— Bom, a gente deve descobrir depois que eles começarem a serem usados.

E três meses depois de os robôs terem sido entregues, totalmente funcionais, um deles voltou para manutenção com algumas partes quebradas. E pela sujeira nos pés dele, souberam exatamente onde eles estavam sendo usados.

— Como ele pode ter ficado tão destruído? — Uma das pessoas que trabalhava na manutenção questionou enquanto desmontava o robô.

— Esse pessoal do exército esquece que eles são robôs e não super soldados, devem ter exigido mais trabalho do que ele suportava.

— Esforço não amassa lataria, ainda mais que o software impede que ele se danifique, algo deve ter batido nele.

Ashlee conseguia imaginar o que havia acontecido, e acreditava que seus colegas também conseguiam. E imaginava também que logo os outros robôs viriam para manutenção com os mesmos problemas.

Um alarme a tirou dos próprios pensamentos, e todos se dirigiram em fila para o corredor, parados um ao lado do outro, enquanto um robô passava e injetava dois soros em cada um com uma seringa. Eram os soros de alimentação e disposição, que possibilitavam que uma pessoa vivesse seis meses sem precisar comer ou dormir. A maioria dos moradores dali nunca dormira ou comera na vida.

Para se conseguir dormir, era necessário tomar uma pílula de sono que momentaneamente cortava o efeito do soro, mas que se usada com frequência, podia fazer com que o soro ficasse mais fraco e a pessoa passasse a ter necessidade de dormir. As pílulas foram proibidas depois que se descobriu que podiam acabar cortando o efeito do soro, e quem as tomava era internado em clínicas especializadas e tratado para que o soro voltasse ao normal. Já a comida era artigo de luxo e visto como diversão, algumas pessoas dos setores mais altos podiam comprar, mas grande parte da população nunca tinha visto e nem sabia do que era feito.

Depois de receber os soros, todos voltaram para suas estações e para o trabalho cotidiano. Armastan passou o dia ocupado com a manutenção do robô do exército, enquanto o resto do time cuidava de outras demandas. No final da tarde, quando Ashlee desligava seu computador e se preparava para ir embora, Lanzas, um pouco ansioso, a chamou de seu lugar. Restavam apenas os dois na sala.

— Eu estava fazendo a restauração do HD do robô e acabei encontrando o último vídeo a ser deletado.

Lanzar abriu o vídeo, mostrava um chão de terra e algumas armações de madeira, que montavam uma espécie de caixa com uma abertura na frente. Apareciam três dessas na câmera, uma ao lado da outra.

— O que são essas caixas? — Ashlee perguntou.

— Fica olhando.

O robô andava em direção às armações quando uma pessoa saiu de dentro de uma delas. Ela usava roupas de um material que Ashlee não conseguiu identificar, tinha os cabelos muito compridos presos em tranças e trazia um pedaço de madeira na mão com uma pedra amarrada na ponta. Ele correu em direção ao robô e bateu nele com a arma que tinha em mãos algumas vezes, que foi o suficiente para quebrar um dos pés e fazer com que o robô ficasse ladeado e parasse de caminhar. Em seguida outras pessoas saíram de dentro da mesma armação e falaram alguma coisa em uma língua desconhecida. A primeira aparece novamente muito próxima da câmera, ela havia escalado o robô e com uma mão só usa sua arma para bater na cabeça dele, terminando o vídeo.

— Será que aquilo são esconderijos?

— Não sei, talvez eles vivam ali.

Os dois ficaram em silêncio por algum tempo. Ashlee tinha plena ciência de que não devia ter visto aquele vídeo. Por dentro ela gritava de frustração. Gritava porque sabia que os robôs não estavam sendo usados com boas intenções, e era o código que ela escrevera que estava fazendo aquilo. E gritava também porque Lanzar decidiu mostrar o vídeo logo para ela, de todas as pessoas, e agora sabia mais do que gostaria ou deveria saber. Antes que deixasse seu nervosismo transparecer e Lanzar ficasse mais ansioso, ela se levantou e seguiu rapidamente em direção à porta.

— Você sabe que nós não vimos esse vídeo, certo? - ela disse em uma voz forçadamente casual.

— Claro.

Todos os dados dos robôs, após serem deletados, ficavam 24 horas na lixeira até serem excluídos permanentemente. Era uma medida de segurança padrão, mas bem possível que quem quer que estivesse controlando o robô não soubesse disso. Os dois seguiram juntos até o transportador. Lá, Ashlee pegou o que descia e Lanzar o que subia.

Eles trabalhavam no setor A3, que já era considerado de luxo, Ashlee não conseguia nem imaginar como devia ser o apartamento onde Lanza morava. Parecia surreal que alguém com o mesmo salário dela morasse lá, mas parecia que os pais dele trabalhavam na gerência da Torre ou algo assim.

Ashlee nasceu no setor B3, mas morava no B1 faziam dois anos. Cada setor era composto por vários arcos, e a diferença entre cada um estava na época em que foram construídos. Havia muitos anos desde que a Torre começara a ser feita, e conforme a tecnologia avançava e novas ideias surgiam, os novos Arcos eram aprimorados. Como reconstruir Arcos já em funcionamento era inviável, quanto mais alto na Torre se estivesse, melhores seriam as condições. Logo, mais caro. Como Ashlee não tinha dinheiro o suficiente para pagar o aluguel do apartamento sozinha, dividia com um amigo. Ela conhecera Render na escola e ficaram amigos principalmente por morarem no mesmo Arco, mantendo contato desde então.

Render esse que estava dormindo no sofá quando Ashlee chegou em casa. Quando ele começou a tomar as pílulas, disse que era apenas um passatempo que não comprometeria sua saúde, mas agora ele dormia mesmo quando não as tomava. Ashlee sabia que ele precisava ser internado o mais rápido possível, mas estava evitando aquilo, queria que ele continuasse por perto.

Trecho de "A Criação da Torre: o Marco da Sociedade Moderna", de Elencar Esderto

A Base e o primeiro Arco foram inaugurados no que hoje chamamos de ano 1, um marco importante que alterou a estrutura social existente, possibilitando a vida que conhecemos hoje. A princípio, ele seria uma moradia de luxo para pessoas com grande poder aquisitivo. O mundo exterior estava perigoso tanto por questões naturais e de meio-ambiente quanto pela violência da sociedade. Depois que o plano de colonização de outros planetas se mostrou inviável, a segurança de um ambiente fechado com o que existia de melhor em tecnologia logo virou o sonho de toda a população. E assim começaram as construções dos demais Arcos. E conforme eles eram criados, as cabines eram vendidas a preços altíssimos e o dinheiro era usado para bancar a construção de mais arcos. Os soros foram desenvolvidos em seguida, o que diminuiu drasticamente o custo de vida, visto que o maior gasto da população era com a alimentação. Além disso, aumentou também a produção, pois não seria mais necessário perder oito horas por dia dormindo.

Conforme o mercado interno da Torre se estabeleceu, o contato com o mundo externo foi diminuindo gradativamente, chegando em um ponto onde deixou de existir.

Depois que todos capazes de bancar os elevados preços de moradia na Torre já estavam morando nela, foi criado um projeto de financiamento interno, para que a construção continuasse possível e os moradores de fora pudessem entrar por preços mais baixos, a ideia era reconstruir a sociedade inteira lá dentro. E assim, reformulou-se todas as leis e estrutura social para combater os problemas vividos no mundo externo.

Houveram candidatos que foram impedidos de entrar. Com o projeto de financiamento sendo patrocinado pelos moradores internos, se deu início a uma seleção, diversos critérios foram criados para que novas pessoas fossem aceitas, sendo o principal deles não ter nenhuma ocorrência criminal.

Além dos que tiveram sua entrada barrada, alguns se recusaram a aceitar o novo estilo de vida devido a crenças e superstições antigas, visto que não consideravam a Torre como algo natural.

Ano 144

No dia seguinte, Ashlee foi a primeira a chegar e a primeira a ver os estragos. A cabine incendiara. Como elas eram isoladas, o fogo não se alastrou para as outras. Logo as pessoas começaram a se amontoar na porta querendo ver o que havia acontecido e o time que averiguaria o problema chegou junto com um Armastan transtornado discutindo com uma mulher que aparentava ser a responsável pelo setor de segurança e tentava se livrar dele.

— Armastan? — Ashlee se aproximou deles e a moça aproveitou a deixa para escapar e falar com seu time que analisava a sala.

— Todos os Arcos são equipados com sensores automáticos contra fogo. É impossível que uma sala inteira tenha queimado sem que eles fossem acionados e os robôs viessem apagar o fogo. Quando foi que você ouviu falar em incêndio aqui? As coisas não pegam fogo na Torre.

Armastan saiu irritado a passos largos atrás da moça novamente. Mas ele tinha razão, Ashlee nunca ouvira falar de incêndios. Em todos os casos que algo explodiu ou pegou fogo, o problema foi contornado imediatamente sem grandes transtornos.

Eles foram dispensados pelo dia, para que o time de segurança conseguisse analisar a situação e identificar o problema. De volta ao seu apartamento, Ashlee planejava tirar a tarde de folga pra jogar videogame, e acabou por encontrar Render dormindo no sofá novamente. Se ele estava faltando ao trabalho pra ficar em casa dormindo, a situação já ficara pior do que ela imaginava. Ashlee tentou acordá-lo, mas nada funcionou. Ela gostava dele e queria que ficasse bem logo, mas ao mesmo tempo, não podia deixar que ele fosse para uma clínica, lá poderiam fazer muitas perguntas e isso seria perigoso demais.

Ashlee pegou um tablet de dentro do cofre. Nele havia um aplicativo com a planta da Torre que incluía as cabines da administração que não apareciam nos aplicativos padrões. Ela pôde identificar onde os soros eram produzidos e acessou as câmeras de segurança na esperança de encontrar alguma espécie de estoque, mas sua esperança fora inútil. Todos tomavam o soro no mesmo dia, a cada seis meses, e

como haviam acabado de recebê-los, realmente não existia motivo para terem algum estoque guardado.

No mesmo momento em que pensava isso, percebeu o que estava acontecendo. Render não havia tomado o soro, por isso o efeito das pílulas estava tão forte. Ela pesquisou algo sobre o assunto, na esperança de descobrir como resolver o problema, mas todas as respostas que encontrou foram a mesma: buscar o time de saúde imediatamente. Se fizesse isso, ele acabaria internado. Não encontrou nenhuma notícia de alguém morrendo por dormir demais, mas não soube se ficava feliz ou triste por isso, Render estava se tornando um peso e um risco grande demais. Enquanto Ashlee se preocupava com as investigações e questionamentos pelos quais Render passaria caso fosse internado e o quanto isso a afetaria, recebeu uma mensagem de convocação para uma reunião urgente com Andari, a responsável pelo setor de segurança.

Em meia hora ela estava no local marcado com seus colegas. Andari chegou com uma expressão séria, que foi o suficiente para fazer com que todos se sentassem em silêncio. Ela começou a falar:

— Nós identificamos que o fogo começou na estação de trabalho número 3, utilizada por Lanza Astreuf. Ao que parece, em seguida que todos foram embora ontem, a máquina foi reativada e começou a rodar uma série de comandos, causando superaquecimento por um longo tempo, que foi a causa do incêndio. Os sensores chegaram a ser ativados, mas foram desativados logo em seguida e o alerta deletado sem nenhum registro de origem ou responsável pela remoção. Além disso, Armastan, o coordenador da equipe, nos informou que três meses atrás foi encaminhado um pedido de verificação de segurança por causa de um backup corrompido, mas esse pedido nunca chegou a nós, parece ter sido deletado no meio do caminho. Como vocês já devem ter percebido, temos vários problemas nessas constatações. A primeira é de que alguém está acessando remotamente tanto as máquinas quanto o sistema de comunicação. A segunda é que superaquecimentos normalmente não causam incêndios.

O time inteiro de segurança, composto por mais de 300 pessoas, estava empenhado nessa tarefa, tentando rastrear os acessos e descobrir de onde o ataque foi feito. Enquanto eles trabalhavam, o time de automação não tinha o que fazer lá, mas estavam todos agitados demais pra fazer qualquer outra coisa. Todos sistemas

da Torre eram integrados e suas medidas de segurança parecidas, e já se sabia que alguém tinha acesso a uma parte dele.

Lanzar sentou ao lado de Ashlee inquieto.

— Foi o exército. Tenho certeza.

— Por quê?

— Porque eu vi o vídeo. Não pode ter sido coincidência que tenha começado no meu computador.

— Mas se fosse o exército não seria mais fácil que eles te prendessem só? Incêndio está mais para ato terrorista que ocultação de provas.

— Eles não podem, porque as expedições que estão fazendo são ilegais, e agora a gente sabe demais e eles virão atrás de nós com certeza.

— Acho que você andou assistindo filmes demais. Vai para seu apartamento e descanse um pouco. Não tem nenhuma conspiração aqui.

Embora obviamente houvesse algo de errado naquela história, mas imaginar uma conspiração do exército contra eles já era demais. Mesmo assim, ela preferia deixar seu nome bem longe da vista do exército e com certeza não queria que ninguém soubesse que ela vira aquele vídeo. E agora ela se preocupava também com o que os delírios de Lanzar poderiam causar.

Havia uma lição que Ashlee aprendera em situações passadas: nem todas as pessoas são boas cúmplices, e os incômodos com Render já eram demais para sua cabeça. Agora Lanzar ia pelo mesmo caminho. Ele sabia mais do que deveria e estava mais nervoso do que deveria. A melhor cúmplice que Ashlee tivera foi Zahir, uma amiga de infância. Mas é como diziam, os melhores soldados morrem primeiro, porque são corajosos demais.

Ano 145

Ashlee não era um bom soldado. E por isso ela não morria. O correto seria sair da sala, matar todos os inimigos que estivessem lá, encontrar seu time e com eles buscar a comandante para saírem dali. Mas é claro, as chances de morrer em seguida que saísse da sala eram bem grandes. O que ela fez foi prender sua corda extensora na janela, deixar a arma ali e carregar a comandante. Embora elas estivessem nos Arcos com janela, não era o primeiro, para onde a corda fora feita. Ela tinha 4 metros, que deveria ser mais que o suficiente caso usada no local correto. Ashlee desceu os 4 metros que a corda permitia no lado de fora com a comandante sobre um ombro. Não seria uma queda agradável e ela tinha ciência de que se machucaria. E nesse ponto nem sabia mais dizer se a comandante realmente sobreviveria. Ela gostava da comandante, mas precisava prezar pela sua segurança também. Ela largou o corpo, que se não pudesse ser chamado de corpo ainda, com certeza poderia depois de ter caído no chão, e então se soltou, caindo em cima dele na esperança de amortecer um pouco a queda.

Ano 144

Eles levaram mais de uma hora no transportador e conforme desciam, puderam sentir uma diferença na pressão do ar. Nenhum deles havia descido tanto antes. Quando chegaram, se depararam com uma situação de pânico. Havia várias pessoas sentadas no corredor, e algumas choravam. Seguiram o oficial do exercito que os escoltava até a área comercial, que havia sido completamente evacuada. Andari veio explicar-lhes o que estava acontecendo.

— O primeiro Arco foi invadido. Vocês devem receber um comunicado de segurança amanhã. O acesso feito ao computador do desenvolvimento foi rastreado até essa sala, onde há um computador e um buraco aberto no chão. Vocês receberão uma nova cabine para trabalhar por enquanto e nós cuidaremos desse problema.

Ela voltou para dentro da sala e ignorou o início de frase que Armastan começou a esbravejar. Aparentemente era aquilo, voltariam a trabalhar no dia seguinte enquanto sabiam que o sistema da Torre havia sido invadido. Eles continuaram ali no corredor enquanto Armastan insistia que era impossível que voltassem a trabalhar se não tivessem garantia de que todos os dados estivessem seguros. Lanza andava para lá e para cá com passos pesados.

— Nós viemos até aqui embaixo só pra isso? — Ashlee questionou.

— Armastan exigiu que pudéssemos falar pessoalmente com Andari, a principio eles tinham enviado uma mensagem pra ele só.

— Então foi realmente só pra isso.

— Ele tinha esperança de conseguir algo mais se viéssemos todos até aqui.

Eles entraram novamente no transportador depois da viagem inútil. Armastan continuava lá embaixo fazendo milhares de questionamentos enquanto a equipe ia embora sem saber se realmente trabalhariam no dia seguinte ou não.

E no dia seguinte eles descobriram que estavam dispensados por tempo ilimitado graças à insistência de Armastan. E logo em seguida, foi feito o anúncio de que o sistema havia sido invadido e um principio de caos começou. Não havia nenhuma espécie de procedência ou planos para esse tipo de situação, porque não

só era a primeira vez que acontecia como também nunca havia sido nem imaginada.

Não havia motivo para invadir o sistema, ele era perfeito.

Com o tempo livre, Ashlee se dedicou a pôr seus jogos em dia, haviam vários que ela não havia terminado. E acabou também tendo que lidar com um problema que a estava preocupando: Render.

Em uma conversa breve ela pôde calcular o tamanho do problema: Render havia sido demitido por inadimplência e não tomara o último soro porque estava dormindo e não ouviu o alarme. Ela fez alguns comentários sobre internação para testar a posição dele sobre.

— Se eu fosse internado eles certamente buscariam todo meu histórico e perceberiam que tem algo de errado — ele hesitou um pouco antes de seguir a frase e quando o fez, não olhou diretamente para Ashlee. — Você não se arrepende às vezes?

— Me arrepender?

— Do que fizemos.

— Nós subimos de nível. Esse é o objetivo da Torre.

Render se levantou abruptamente e jogou o controle que estava na mão de Ashlee no chão.

— Ashlee, essa é a nossa vida, não mais um de seus jogos. Não tem níveis pra subir, não tem um final pra você chegar e nem um chefe para derrotar, ok? — ele estava irritado, o que não era algo comum pra ele. Ashlee ficou olhando para ele sem reação e não respondeu nada. Não havia nada a responder, o que estava feito estava feito. Render saiu do apartamento em passos apressados e Ashlee considerou se deveria ir atrás dele, mas acreditou que ele não faria nada que os colocasse em risco.

Algumas horas depois ela descobriu que deveria ter ido atrás dele, pois ele fizera algo que os colocava em risco. Ele foi para uma festa, e lá tomou diversas pílulas do sono. Preocupados com ele, seus conhecidos o encaminharam para o hospital, onde perceberam a falta do soro de disposição e o encaminharam para a clínica. Ashlee ficou sabendo disso quando duas pessoas bateram em sua porta dizendo que vieram pegar algumas roupas e utensílios pessoais de Render e explicaram a situação. Informaram também que como ela morava com ele, deveria ser chamada logo junto com a família de Render para uma conversa na clínica. Era

procedimento padrão de internação conversar com os conhecidos próximos para entender melhor as necessidades do paciente.

Ashlee deu toda a assistência que os funcionários precisavam, pegou uma mochila de Render, ajudou a organizar as roupas, separou a escova de dentes dele, os fones de ouvido, o tablet e alguns jogos que ele gostava. Tudo parecia em ordem. Quando eles foram embora, ela começou imediatamente a preparar a sua bagagem. Para onde iria ainda não sabia, mas seria uma questão de tempo até que viessem bater em sua porta novamente, mas dessa vez seria o exército. Ashlee tentou calcular quanto tempo teria, mas não fazia ideia de como eram os procedimentos da clínica. Como morava com ele, acreditava que seria uma das primeiras a ser chamada para a tal conversa com os médicos. Enquanto colocava suas roupas e outros utensílios indispensáveis dentro de uma mochila, percebeu que corria outro risco, Render podia contar para os médicos sobre o assassinato e fazer com que o exército viesse ainda mais rápido. Ele andava se sentindo arrependido pelo que tinha feito e isso parecia um assunto ótimo a ser abordado em uma consulta psiquiátrica. O que envolveria o nome dela e mais problemas. Ashlee pegou seu tablet de dentro do cofre e saiu do apartamento ainda sem rumo, mas com a total ciência de que onde quer que fosse parar, seria melhor do que voltar para a prisão. Ou como gostavam de chamar, o centro de readaptação social.

Trecho de "A Criação da Torre: o Marco da Sociedade Moderna", de Elencar Esderto

Conforme a sociedade interna foi se estabelecendo, novos arcos foram criados. Os primeiros moradores e em especial os financiadores, decidiram criar determinadas demandas. A primeira era em função da posição das moradias. Um novo modelo de Arco surgiu, fazendo com que os mais novos fossem de qualidade superior aos antigos. Não foi bem visto o fato de os moradores que não pagaram pela construção os habitassem. E com isso foi criado o setor de moradias, que ficava responsável por alocar ou realocar, quando necessário, os moradores. Todas as mudanças passaram a necessitar a aprovação dele. A ideia era manter a Torre o mais justa possível para todos, então os apartamentos foram redistribuídos de acordo a quantia em dinheiro que cada pessoa havia investido na Torre ou estivesse disposta a pagar.

As demais mudanças não foram programadas como essa, mas se deram de forma orgânica. Um evento interessante de observar foi a necessidade de se distanciar de sua origem no exterior. Diversos dos moradores, ao ingressar na Torre, alteravam seus sobrenomes para o que acreditavam serem nomes mais condizentes com o futuro que estavam para viver. E assim, cada vez mais, foi se instaurando a ideia do "nós" e "eles" assim como o "aqui dentro" e o "lá fora", que marcou o fim do relacionamento da Torre com o exterior.

Ano 144

Ashlee desceu até o primeiro Arco novamente. Lembrou que ele havia sido evacuado e apenas os moradores continuavam lá. Se não chegasse perto da área comercial, não deveria cruzar com nenhum soldado. Além disso, o primeiro Arco tinha várias cabines vazias devido a problemas de manutenção, e ela conseguia acessar todas através do seu tablet. Andando pelo primeiro Arco, Ashlee percebeu que nunca havia parado para pensar sobre o assunto, mas a maioria das pessoas ali não trabalhavam ou não haviam completado a escola, muitos usavam das pílulas e dormiam até pelos corredores, o que parecia ser ignorado pelos soldados e robôs presentes lá.

Durante a escola, no curso de automação, muito se falava em projetos de mudança, sistemas ou melhorias que poderiam auxiliar a vida da população de alguma forma. Dificilmente conseguiam implantar algo realmente revolucionário, e normalmente se dizia que era porque não havia a necessidade. E com o tempo, se acostumavam a aceitar isso. A verdade é que a Torre tem capacidade de acomodar toda sua população confortavelmente, mas precisaria ser feita uma reorganização geral, assim como nos primeiros anos. E bem, o pessoal lá de cima não queria ser desacomodado.

Ashlee encontrou uma das salas vazias e enviou um comando para abrir a porta. A sala não tinha luz e os vidros da janela estavam quebrados. A área B, onde Ashlee nascera, não possuía janelas, então durante muitos anos ela só viu o exterior através de fotos. Era noite e estava escuro do lado de fora, iluminado apenas pelas luzes da Torre, mas tudo que se podia ver era areia para todos os lados. E era frio, um vento forte entrava pela janela e aqueles Arcos não possuíam climatização. Ashlee não se lembrara disso, então não pensou em procurar algo para se aquecer. Ela colocou sua jaqueta e sentou no chão com o tablet, conferindo se havia algum alerta de busca atrás dela, mas até o momento nada parecia ter acontecido.

A Torre não era um lugar onde você pudesse desaparecer. Quando comessem a buscar por ela, não desistiriam até encontrá-la, porque ela precisava estar dentro da Torre em algum lugar. E o exército possui acesso a todas as portas,

não havia realmente como fugir. Além disso, ela estava carregando um tablet totalmente desbloqueado que não deveria estar em sua posse.

A ideia surgiu como uma possibilidade distante, e então foi ficando cada vez mais próxima até se tornar a melhor opção: se não há como se esconder dentro da Torre, a solução seria sair dela. Ela sabia onde encontrar as armações que vira no vídeo, e embora não soubesse exatamente a distância, sabia que não era muito longe pelo tempo em que o robô chegara lá.

Dentre os principais problemas que ela conseguiu levantar na hora, estava a língua em que eles falavam e a possibilidade de serem hostis. Se os robôs da Torre estavam atacando os moradores do exterior, eles não deveriam ficar muito felizes ao vê-la. Mas havia uma questão. Uma que ela não havia dado devida importância até agora: o buraco no chão do Arco. A pessoa que fizera ele era a mesma que utilizou o computador para invadir o sistema. Se os moradores do exterior eram realmente tão primitivos como se acreditava, não conseguiriam hackear um sistema tão robusto como a central da Torre. Ashlee ficou entre duas opções: 1. alguém saiu da Torre e 2. os moradores do exterior eram mais evoluídos do que eles. De qualquer forma, encontrar os responsáveis pela invasão parecia ser uma boa opção, era sinal de que havia alguma vida não-primitiva no exterior.

O espaço entre o Arco e o chão era de três metros. Dava para pular dali tranquilamente, mas para subir seria necessário a ajuda de alguém ou de algum elevador. Visto a arma e moradia primitiva dos habitantes do exterior, ela acreditou que eles não tivessem material para construir um elevador. Eles deveriam outro tipo de ferramenta para subir ou viriam em dois fazer isso. De qualquer forma, daria para vê-los das janelas e as câmeras também gravariam alguma coisa.

Segundo os relatos das autoridades, nenhum morador do exterior fora gravado se aproximando da Torre.

Segundo os boatos dos moradores dos setores A, os moradores do exterior já haviam se aproximado da Torre várias vezes.

Ashlee esperou até a próxima noite, quando pulou pela janela quebrada. Ela fora equipada com uma lanterna, um casaco de capuz, sua mochila com algumas

roupas e um dicionário nada confiável da língua do exterior que um grupo de moradores do primeiro Arco estava montando.

Já no exterior, ela correu durante aproximadamente 10 minutos, tentando se afastar logo da Torre e evitar ser vista pelas câmeras ou por algum curioso olhando na janela, e tudo o que via era areia e mais areia. Por um momento temeu estar indo na direção errada, mas em seguida viu um pedaço de lata que identificou como sendo da perna do robô que estava em manutenção. Então ela correu mais. E logo chegou no mesmo local do vídeo e viu as três armações de madeira. Estava muito escuro e ela tinha apenas a luz de uma lanterna, mas conseguiu identificar mais quatro armações perto daquelas que não apareceram na gravação do robô.

Uma pessoa saiu de uma das armações para ver de onde vinha a luz e em seguida chamou outra. Ficaram os dois parados olhando para ela. Ashlee disse algumas palavras do dicionário que se categorizassem como um cumprimento, qualquer coisa na linha de "oi, tudo bem?" que pôde encontrar. Ela não soube dizer se eles não entenderam ou se apenas não se deram ao trabalho de responder. De outra armação um homem idoso saiu e gritou alguma ordem para os outros dois. Então um deles veio na direção de Ashlee, colocou uma mão em suas costas e esticou a outra, mostrando a direção para ela. Eles foram até a armação em que estava o homem idoso e entraram lá.

— O que está fazendo aqui? — o senhor falava na língua da Torre.

— Quem é você?

— Você está na minha casa. Quem é *você*? — Ele se sentava em algumas almofadas que estavam jogadas em um canto da peça.

— Ashlee.

— E eu sou Dani. Agora me diga seu cargo na Torre e porque está aqui. — A voz dele era calma, mas não era amigável, e Ashlee notou que os outros dois homens na sala continuaram em pé perto dela.

— Trabalho com desenvolvimento de software, mas vim aqui por conta própria, não em um expedição. Pretende me entregar para o exército?

— Não, não. Daqui você não voltará para a Torre. Talvez a gente precise lhe matar, mas para a Torre não voltará.

O tom casual de sua voz fazia sua constatação parecer bem menos dramática do que realmente era, e Ashlee não conseguiu decidir se gostava dele ou se o temia por isso.

Ano 145

Nos filmes parecia que um corpo amortecia muito a queda, mas pela dor que sentia, percebeu que aquele não era o caso na realidade. Ela testou as pernas para levantar, e parecia que nada estava quebrado ali, embora um dos joelhos doesse bastante. Mas uma dor na altura do abdome indicava uma possível costela quebrada. Quanto ao seu braço esquerdo, Ashlee não conseguia decidir se o pior era a dor ou a visão. Ela tentou rasgar um pedaço da roupa para enrolar o braço quebrado mas não conseguia fazer isso com uma mão só. Precisava encontrar os outros mas a visão do braço dava ânsia de vômito.

Ashlee foi caminhando lentamente enquanto tentava pensar em qualquer coisa para se distrair. Estava tão acostumada a percorrer aquele trajeto da Base até o esconderijo correndo que não sabia quanto tempo levaria caminhando. Também estava acostumada a ter uma lanterna, e a escuridão quase total em que se encontrava agora era um tanto assustadora.

Quando se é criança, nos dizem que não devemos ter medo da escuridão porque ela não pode nos fazer mal algum. Quando crescemos, nos dizem que não devemos ter medo da escuridão, mas sim do que se encontra nela. Como Ashlee já era adulta, ela temia o que poderia estar escondido na escuridão. E o que se encontrava na escuridão naquele momento eram soldados do exército da Torre devidamente equipados com óculos de visão noturna. Mas ela não sabia disso e seguiu lentamente seu caminho até a entrada do esconderijo.

Ano 144

Lanzar aproveitava um jantar com a família quando seu tablet apitou com um pedido do exército para que comparecesse a uma das salas de reunião. Foi assim que terminou sua janta. Chegando lá, um oficial do exército explicou que uma de suas colegas de trabalho estava sendo procurada por assassinato, roubo e invasão de sistema. Lanzar tentou pedir algumas informações a mais sobre esses acontecimentos, mas não ganhou muitas respostas, o oficial dizia apenas que ele devia relatar o último encontro que tivera com Ashlee e contar se sabia de algum local que ela pudesse estar escondida, se tinha amigos ou familiares. Lanzar começou a relatar lentamente o último dia de trabalho deles enquanto tentava decidir o quanto deveria contar para ele ou não. Ele escolheu deixar de fora a parte onde eles viram o vídeo do robô e o fato de que o fogo começou em seu computador. Quanto aos amigos e familiares, disse que não sabia de nenhum, mesmo que conseguisse pensar em um ou outro que ela havia mencionado. Ele fora pego de surpresa e na verdade estava em dúvida sobre a veracidade do que o oficial falava, afinal, Ashlee era sua colega, ele a conhecia há anos e nunca aparentou ser uma pessoa perigosa, não queria auxiliar o exército a prendê-la. Ele só conseguiu entender a gravidade do problema depois que saiu da sala e foi imediatamente procurar Ashlee em todo lugar onde pôde pensar que poderia estar, não a encontrando em lugar nenhum, além de ninguém ter visto ou falado com ela nos últimos dias.

— Por que está aqui? É uma fugitiva ou apenas curiosa? — Dani seguiu o questionamento.

— Talvez eu seja um pouco dos dois.

— Eu gosto mais de quem chega aqui como fugitivo. Assim tenho certeza de que não vão decidir retornar para a Torre eventualmente.

— Eu não teria como voltar, se isso o tranquiliza.

— Ah, tranquiliza sim. Venha comigo, quero lhe apresentar algumas pessoas.

Eles entraram na mesma armação de onde o senhor havia saído e lá desceram por uma construção de madeira, indo para o subsolo. Estar muito acima do solo

sempre foi natural na vida de Ashlee, mas ir para baixo dele era a primeira vez, ela não pôde esconder seu interesse sobre tudo o que via.

— Acredito que muita coisa aqui seja nova para você. Aquelas coisas de madeira lá em cima são nossas casas, que equivalem a suas cabines na Torre. Essa armação aqui em que descemos é uma escada, a predecessora dos elevadores.

— Por que você tem fogo aceso naquele buraco ali, não é perigoso?

— É para aquecer o ambiente, não temos aquecimento aqui.

Eles primeiro atravessaram uma sala grande e seguiram por um corredor estreito e escuro, logo chegando em uma outra peça grande com uma mesa no centro e várias cadeiras. Tudo era feito de madeira.

— Sente-se, garota.

E falou alguma coisa na língua nativa deles, que fez com que os outros dois que os acompanhavam saíssem por uma porta.

— Eles vão preparar algo para comermos, você deve estar com fome depois de tanto andar.

— Fome?

— Ah sim, o soro. Você nunca comeu nada?

— Não...

— Bem, então hoje você experimentará pela primeira vez. Garanto que vai adorar. Mas me conte sua história, por que está fugindo?

Um dos outros dois voltou com umas espécies de potes com algo líquido dentro e largou um na frente dela e outro na frente de Dani, que começou a beber aquele líquido. Ashlee provou, mas a sensação de estar bebendo algo ainda era muito estranha para ela. Além disso, a bebida era quente e queimou sua boca.

— Meu nome é Ashlee, eu nasci no setor B3 e para conseguir me mudar para o B1, invadi a casa do agenciador de cabines. A ideia era apenas entrar no sistema e autorizar a mudança para eu e um amigo, mas ele chegou na hora e tudo deu errado. Acabou que tivemos que o matar, infelizmente. — Ashlee fez uma pausa breve para testar a reação de Dani, que continuava olhando-a tranquilamente. — Mas consegui ficar com o tablet dele, que tem todas as permissões de acesso. Também me envolvi com um grupo que investigava algumas falhas nos relatórios da gerência quando era mais nova, e para isso precisávamos invadir vários lugares e sistemas. Mas já paguei minha pena por esse tempo, ele não é o problema.

— Esse grupo do qual você participou. Gostaria de se envolver em algo semelhante novamente? — Ele se inclinou para a frente, apoiando o queixo nas mãos, parecia estar começando a se interessar por ela.

— Esse algo tem resultado? Nós descobrimos várias coisas erradas, mas não conseguimos realmente fazer nada quanto a elas, continua tudo lá. Eu adoraria me envolver, mas em algo que realmente tivesse resultado e ajudasse as pessoas.

— Não, ainda não tivemos nenhum resultado. Mas nosso plano é muito maior, o resultado virá, mas não hoje.

— Você era um morador da Torre, certo?

— Sim, a maioria de nós éramos.

Ele deu uma risadinha e os outros dois voltaram com algumas coisas que ela não pôde identificar, largando sobre a mesa. Em seguida mais três pessoas entraram na peça e se sentaram. Os quatro começaram a pegar as coisas que haviam sido postas na mesa, colocar em pequenos potes e então a comer aquilo. Depois de insistirem que ela provasse várias vezes, Ashlee pegou um pedaço de algo que ela não sabia o que era e comeu. Embora o gosto fosse interessante, ainda era muito estranho para ela.

O senhor falou na língua do exterior enquanto os outros três prestavam atenção. Em determinada parte da fala eles passaram a demonstrar interesse e olhar para Ashlee, que continuava sentada à mesa sem comer nada.

Uma das pessoas começou a falar com ela na língua da Torre. Era uma mulher em torno dos 50 anos.

— Bom... Ashlee, certo? Você pode me chamar de Tina. Todos nós morávamos na Torre também e cada um tem sua própria história de como veio parar aqui. Todas bem parecidas com a sua, na verdade. A gente costuma chamar nosso refúgio de uma segunda chance para quem não pôde se adaptar ao sistema da Torre. — Ashlee entendeu o que ela quis dizer, todos lá eram criminosos de alguma forma que precisaram fugir. Enquanto ela se sentia preocupada por isso, lembrou que ela própria era uma fugitiva também. — Mas Dani aqui nos disse que você tem um tablet com permissões totais, isso é verdade?

— Isso. Eu fiz algumas alterações também para que as ações não fiquem salvas no log nem seja rastreável.

— E você cederia esse tablet pra a gente? — perguntou um garoto perto dos 16 anos com a pele muito clara, o cabelo muito loiro e os olhos muito azuis.

— Isso depende do que eu ganharia em troca...

Tina se levantou e os outros a imitaram em seguida.

— Venha comigo, vou lhe mostrar o que podemos lhe oferecer.

Ela e Ashlee saíram por uma porta diferente da que entraram, e seguiram por outro corredor. Elas caminharam por mais de 10 minutos e ainda não enxergavam o final do corredor.

— Acredito que você já tenha entendido isso, mas eu vou lhe mostrar algo que nenhum morador da Torre deve ver. Se eu descobrir que você é uma espiã ou algo do gênero, terei que lhe matar. — Ashlee preferiu seguir em silêncio e torcer para que Tina fosse boa em julgar pessoas.

Quando chegaram ao final do corredor, saíram dentro de um salão grande, onde haviam algumas camas de um lado, e de outro, vários computadores e diversas pessoas espalhadas.

Tina parou no centro do salão e levantou o braço, pedindo atenção.

— Temos uma nova chegada por aqui que diz ter um tablet não identificado com acesso ao sistema da Torre. Estamos pensando que ela pode ser uma boa adição ao time.

— No que você trabalhava lá? — uma garota aparentando uns 12 anos perguntou.

— Setor de automação, no time de desenvolvimento.

— Então você fazia os robôs?

— Isso. — O olhar de desaprovação no rosto da garota ficou evidente.

— Espero que não tenha se machucado no nosso pequeno incêndio.

Ashlee passou o dia seguinte atrás de Tina tentando entender o que eles faziam ali e como as coisas funcionavam. Um dos maiores mistérios para ela estava sendo o cachorro que vivia com eles. A Torre abolira os animais logo nos primeiros anos, então só se conhecia eles por fotos antigas ou desenhos. Ver um ao vivo e a cores era algo totalmente novo.

— O exército sabe que vocês estão aqui? — Ashlee perguntou enquanto assistia ao treinamento físico que Tina supervisionava.

— Eles sabem que nós existimos, mas não onde estamos.

— Eu vi a última gravação de um robô que vocês destruíram. Um vermelho de quatro metros.

— Eles nunca passaram daquelas primeiras casas que você viu lá na frente. Tem 10 nativos lá que nos protegem em troca de comida e conforto.

— Existem mais deles?

— Existem vários deles, mas a maioria vive bem longe da Torre. Nós estamos perto porque vamos lá toda hora.

— E como vocês conseguem chegar na Torre sem serem vistos?

— Ah, nós sempre somos vistos. Mas temos um membro que ainda mora lá e apaga as gravações das câmeras para nós.

— E qual é o objetivo de vocês exatamente?

— Nós queremos sobrescrever o sistema central da Torre. Você já deve ter percebido que as condições aqui são um tanto precárias. Ainda temos um pouco mais de conforto por causa do que roubamos da Torre, mas a maioria dos nativos de outras áreas não vivem mais do que 40 anos. E foi por isso que a Torre foi construída em primeiro lugar, você já sabe disso. Por isso queremos voltar. Mas queremos algo diferente. Estamos criando um sistema descentralizado. Ninguém vai ter acesso a todos os controles como é atualmente, mas cada pessoa terá as permissões de sua cabine e computadores exclusivamente. Além disso, queremos mudar a gerência e implantar um novo governo, vamos acabar com a diferença entre os setores e todos os Arcos serão lugares bons de se morar, sem ninguém pelos corredores ou ficando sem o soro. Como você deve imaginar, a maioria das pessoas daqui morava no primeiro Arco, então para elas, voltar para lá não é uma opção atraente.

— E aquela garotinha ali? Ela parece ser bem nova para já ter cometido algum crime. — Ashlee apontava para a mesma garota que falara com ela na noite anterior.

— Aquela é Amy, ela nasceu aqui, é nossa pequena espiã, pode entrar e sair de lá sem problemas, ninguém desconfia de uma criança.

— Esses não são seus nomes reais, não é?

— Não, nós optamos por nomes mais curtos aqui, simplifica um pouco e evita que o exército nos identifique caso nos veja falando. Se importa se lhe chamarmos apenas de Ale?

— Não, sem problemas.

Ashlee foi convocada no que eles chamavam de Portão, que não era portão algum, mas as casas perto da Torre. Lá, um dos robôs do exército estava parado e desligado.

— Nós quebramos a câmera na cabeça e retiramos o receptor. Acha que pode fazer algo de útil com ele?

A impressão que Ashlee teve foi de ter esperado por aquilo toda a sua vida. Finalmente colocaria seus conhecimentos em prática para algo realmente emocionante, e não apenas para fazer alguns robôs chatos que limpavam o chão.

Conectando um computador no robô, pôde descobrir que os comandos dele vinham de uma base do exército no setor A1. E também acessar a gravação que ele havia feito até ali, que começava dentro da cabine. Diversos oficiais do exército caminhavam para lá e para cá, enquanto ele ia em direção ao transportador exclusivo e descia até a Base, iniciando sua caminhada na direção deles, indo em linha reta até chegar ali e ser abatido pelo mesmo morador que abateu o primeiro.

— Eu não entendo.

— O que você não entende? — Dani perguntou.

— O objetivo das excursões era de identificação e resgate dos nativos. Existe até um projeto de expansão para criar mais um Arco para que eles possam ir para a Torre também.

— O projeto de expansão existe porque a Torre não pode mais crescer para cima, e logo mais arcos serão necessários, é preciso construir uma nova Base. Mas como você pode ver, nós estamos ocupando o lugar onde ela seria construída. Um dos nativos foi levado para exame já, e ele não sobreviveria dentro da Torre, seus corpos sofreram algumas modificações e hoje são um pouco diferente dos nossos, vendo que levamos estilos de vida bem diferentes. Se a grande população souber da situação em que vivem, vão querer que o governo crie um plano de auxílio para levá-los para a Torre também, o que demandaria uma pesquisa médica exaustiva para evitar que eles morressem lá dentro. Então matá-los é mais eficiente.

— Como podem haver tantas pessoas vivas aqui fora nesse monte de areia? — Ashlee seguia vasculhando nos arquivos do robô em busca de alguma informação relevante.

— Ah, não. Você caiu na enganação da escola. A Torre foi construída em um deserto para que ficasse longe das cidades. É claro que as cidades não existem mais como antes, visto que grande parte da população foi embora e os governos se desmancharam. Mas não se passou tanto tempo a ponto de deixarem de existir, embora a situação por lá seja bem precária também.

— E como você sabe disso? — Ashlee gostava de conversar com Dani. Tanto por causa de seu vasto conhecimento sobre praticamente tudo como porque era com quem ela mais se identificava ali, ele não tinha aquela aura super esperançosa e sonhadora como os outros.

— Fizemos algumas excursões de reconhecimento, é claro. Não acha que estou a tantos anos parado dentro desse buraco no chão.

Depois do primeiro mês vivendo lá, Ashlee já havia se habituado ao calor do dia e ao frio da noite, além das roupas estranhas. Ela passou a colaborar no desenvolvimento do novo sistema e conforme a confiança dos outros nela crescia, começaram a lhe contar os detalhes do plano. Tina era a comandante da operação toda, e tinha muita noção de estratégia, enquanto Dani foi o idealizador do projeto, assim como o primeiro a conseguir se comunicar com os nativos e a ganhar a confiança deles. O plano deles na verdade era bem ambicioso. Embora não se falasse muito sobre, Ashlee sabia que isso envolveria muitas mortes no meio do caminho, mas sabia também que levantar essa questão não seria bem vinda. Afinal, eles estavam do lado certo.

Com o passar do tempo, os soros de Ashlee começaram a perder o efeito e ela aprendeu a comer e a dormir, mesmo que tenha passado mal várias vezes por causa dessa transição. Seus companheiros sempre a ajudaram com tudo o que precisou, existia um senso muito grande de família entre todos os envolvidos. Eles eram em torno de 60 pessoas no total. E um ano depois de Ashlee ter chego lá, conforme o desenvolvimento do sistema foi se dando por completo, o plano de ataque começou a ganhar forma.

Ano 145

Depois de chegar no Portão e ser imediatamente recebida pelos nativos que ali ficavam, Ashlee foi carregada até o subsolo, onde Dani começou a tratar de seu braço. Além dos quatro, o subsolo estava vazio, os outros estavam todos na Torre, e ela não teve coragem de contar que, além de o plano ter fracassado completamente, haviam perdido Tina — e muitos outros.

Nenhum dos presentes falava nada, mas o silêncio foi cortado pelo som de uma explosão vindo da superfície. Os dois nativos que a haviam carregado subiram correndo para verificar o que havia acontecido, mas depois de algum tempo, Ashlee e Dani sabiam que eles não voltariam mais. Ambos se prepararam para correr pela outra porta, mas Ashlee não conseguia correr no estado em que estava. E enquanto via Dani sumir de seu campo de visão no corredor estreito e comprido, entendeu porque se identificava tanto com ele.

Seis soldados logo desceram no subsolo e, enquanto vasculhavam o local em busca de mais gente, ela foi algemada e levada de volta para a Torre.

Depois de exaustivos questionamentos, Ashlee acabou virando o rosto da rebelião e o grande temor da sociedade. Isso não se deu por sua participação no ataque, mas simplesmente por ter sido a única a ser capturada, já que o exército não hesitou em matar todos que encontravam dentro da Torre durante o ataque. Quanto a Dani, Ashlee nunca mais ouviu falar dele. E pela primeira vez, ela se arrependeu de não ter sido um bom soldado e morrido junto com seus colegas durante o ataque.

O Plano de Ataque

Tina apresentava o plano de ataque. O time seria dividido em dois. O grupo 1 seria o responsável por derrubar o sistema geral, cortando os meios de comunicação dentro da Torre e fazendo a implementação do novo sistema. Como essa implementação poderia demorar um tempo, além dos designados a esse trabalho, algumas pessoas armadas também seriam colocadas no time, garantindo a segurança dos demais. O grupo 2 seria responsável por criar uma distração, eles entrariam no primeiro Arco e simulariam uma invasão, anunciando ter como intuito tomar o primeiro Arco para eles. Era um disfarce crível o bastante para que o exército acreditasse na motivação e direcionasse sua atenção para o primeiro Arco por tempo o suficiente.

O plano começava com o grupo 2 entrando na Torre utilizando de cordas com ganchos e causando pânico o mais rápido que pudessem. Amy, a pequena espiã, pegaria o transportador comum fingindo estar fugindo dos invasores, e iria para o Arco Administrativo, no Setor A1, e desceria no transportador especial que ia até a Base. E assim entraria o grupo 1, indo direto para o Arco Administrativo e realizando a missão da forma mais furtiva possível. Depois disso, o grupo 2 subiria e evacuaria o Setor Administrativo.

A execução do plano começou como planejado. Ashlee e Tina estavam no grupo 1, então esperavam em postos enquanto ouviam a confusão que começava no primeiro Arco. Amy deveria levar em torno de 10 minutos para subir e descer novamente. Ela chegou na Base em 12 minutos, e o grupo 1 entrou em ação. O elevador levou em torno de 5 minutos até o topo. O corredor estava quase vazio, visto que a maioria se encontrava dentro de suas cabines preocupados com a invasão que acontecia lá em baixo. As poucas pessoas que passavam por eles eram mortas imediatamente. Assim seguiram rapidamente até o servidor central, antes que alguém tivesse tempo de dar algum alerta.

Quando entraram em segurança na sala dos servidores, tudo parecia tranquilo e o plano estava funcionando conforme o planejado. Mas a partir de então, o plano inteiro se provou falho. Eles eram 60 pessoas sem muitos recursos contra a Torre, que representava o máximo da evolução tecnológica e praticamente toda a humanidade.

Ashlee fazia parte do grupo responsável pela invasão do sistema, junto com outras duas pessoas, Tom e Mani. Assim que se conectaram aos servidores e começaram a desativá-los, a Torre inteira automaticamente entrou em modo de segurança. Soldados foram imediatamente designados para o Arco Administrativo e todos os computadores foram bloqueados. Embora eles conseguissem desbloquear o computador novamente, isso levava tempo. E logo os soldados estavam na porta da cabine dando instruções para que saíssem de lá.

Quando o computador estava funcionando novamente, encontraram dificuldades em desativar o sistema de comunicação, já que o modo de segurança bloqueava diversas permissões, sendo necessário burlar diversos níveis de segurança. Foi aí de que Ashlee percebeu um erro, a maior falha de todas. Ela parou o que estava fazendo, desistiu de invadir o sistema, seria inútil. Ela parou um segundo para olhar para seus colegas tão determinados e sentiu pena deles por um momento. Tom e Mani seguiam digitando comandos no computador fervorosamente. Tina gritava ordens e o pessoal que estava armado se posicionava para enfrentar o exército quando a porta se abrisse. E então se sentiu culpada de ter sido tão relapsa. O sistema que eles desenvolveram não executaria imediatamente na Torre, ele foi feito para uma tecnologia já ultrapassada. Os robôs não responderiam àquele código, as portas não responderiam, as câmeras não responderiam. Eles tinham um problema gigante de compatibilidade, vários ajustes teriam que ser feitos. E foram idiotas em não ter previsto isso.

Enquanto Ashlee estava parada olhando para seus companheiros contemplando sua ignorância, o exército abriu a porta. Tom puxou Ashlee e Mani, a trazendo de volta à realidade. Eles correram por entre os milhares de servidores enquanto os outros abriam fogo contra os soldados que entraram na sala. Depois que os tiros cessaram, esperaram alguns momentos enquanto algum general dava ordens para os outros soldados. Quando saíram de perto da porta, alguns para procurá-los e outros para verificar o resto do Arco, Ashlee e os outros dois saíram de seu esconderijo. Seus companheiros estavam todos atirados ao chão, a única que puderam identificar como ainda viva no meio da pressa foi Tina, que tentava se levantar mesmo tendo sido atingida no peito.

Ashlee e Mani a ajudaram a levantar e a carregaram o resto do caminho, enquanto Tom pegava a arma dela e terminava de matar os soldados que vinham

atrás deles. Eles correram pelo corredor até o transportador, mas no meio do caminho Ashlee sentiu o peso de Tina puxando-a para baixo. Ela estava pronta para gritar com Mani que a havia soltado quando a viu atirada no chão em uma poça de sangue. Tiros vinham de todos os lados. Tom logo chegou para ajudar e os três seguiram rapidamente. O transportador que ia até a Base estava desativado devido às medidas de segurança, mas o comum funcionava visto que o próprio exército utilizava ele. Quando conseguiram entrar e começaram a descer, perceberam que Tina estava inconsciente e que seu ferimento parecia mais grave do que aparentara a princípio. Chegando no primeiro Arco, Ashlee e Tom a carregaram para dentro da primeira sala que encontraram. A porta havia sido atingida e não fechava mais, então se esconderam atrás de uma mesa que encontraram lá dentro. Tom as deixou e saiu para buscar ajuda e informar aos outros que o ataque estava cancelado e era hora de recuar.